

## ENTRE RUPTURAS E CONTINUIDADES: TEMORES E OUTROS ASPECTOS EM RELATOS SOBRE AS CAVALHADAS DE PIRENÓPOLIS (2021-2023)

GREGORY RAMOS OLIVEIRA<sup>1</sup>; DANIELE GALLINDO-GONÇALVES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – gramosoliv@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

### 1. INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, analisar aspectos ligados à construção de memórias e identidades individuais e coletivas presentes em duas entrevistas conduzidas remotamente com moradores de Pirenópolis<sup>1</sup>, tendo as Cavalhadas como eixo temático. Objetivamos, através da comparação entre os relatos colhidos por meio da metodologia de história oral (THOMPSON; BORNAT, 2014), compreender o papel da memória na construção de identidades amparadas em uma tradição em processo de *(re)invenção* (HOBBSAWM; RANGER, 1983), bem como os impactos de uma situação traumática comunitária (o primeiro biênio da pandemia de Sars-Cov-2) e o hiato da celebração decorrente da condição sanitária adversa como fator ligado à expectativas de continuidade e temores de ruptura da tradição.

Celebrações que, na cidade goiana selecionada, são parte da Festa do Divino Espírito Santo, as Cavalhadas utilizam elementos narrativos e imagéticos percebidos como *medievais* para simular o confronto entre cristãos e mouros, tendo por resultado a conversão dos últimos à crença dos vencedores, os primeiros. Antes consideradas como evidências de supostas “raízes medievais” do Brasil (FRANCO JR, 2008), compreendo estas e outras recepções de Carlos Magno para cá do Atlântico como celebrações da construção (através do genocídio que definiu e define a conquista colonial) de uma sociedade que se pressupõe unificada, fruto daquilo que Marlyse Meyer denotou como sendo a *Guerra Santa da Conversão* (2001).

Tendo em vista a conexão intrínseca entre aspectos da memória dos entrevistados sobre as Cavalhadas e seu papel na construção de suas identidades, dentro do conceito de *identidade cultural* (HALL, 2006; ASSMANN, 1985), percebemos a celebração enquanto aquilo que evitaria o esquecimento (POLLAK, 1989), que converteria o “Cavalhódromo” e a festividade em si em *espaços da recordação* (ASSMANN, 2011). Assim, buscamos compreender a conexão entre o temor pela ruptura da tradição, verificado nos relatos sobre o hiato decorrente da pandemia, e a expectativa por uma espécie de ambição pela repetição contínua da tradição, ao que o conceito de *movência* (ZUMTHOR, 1993) nos será caro neste trabalho. É possível pensarmos que tal movimento de ida e vinda da memória da celebração à sua *performance* como movimentação de uma narrativa (neste caso, a narrativa das Cavalhadas) similar à “transitividade dos textos tanto no tempo quanto no espaço, como que em forma de eco” (SILVA; SOBRAL, 2015, p. 84).

A *especificação* desta celebração, com a ascensão de personagens como o Mascarado, evidencia um processo de emergência do protagonismo dos subalternos das celebrações, fenômeno identificado também em outras tradições

---

<sup>1</sup> Identificados, doravante, como A e B.

em localidades outrora submetidas ao jugo colonial ibérico (OLIVEIRA; GALLINDO-GONÇALVES, 2021). Destarte, utilizaremos uma abordagem que busque centralizar o *outro*, compreendendo as Cavalhadas de Pirenópolis não como uma tradição *medieval* europeia transplantada (sem alterações) à América Lusitana, mas que passou a ser conduzida *por* e *para* aqueles que foram subalternizados pelo empreendimento colonial. Assim, observamos igualmente tanto a contribuição dos *Estudos Subalternos* (CHAKRABARTY, 2008) como dos que se utilizam da opção decolonial, como os do *Grupo Modernidade/Decolonialidade* (BALLESTRIN, 2017, MIGNOLO, 2008), compreendendo a necessidade de uma interface (e não filiação) entre os aportes melhor alinhados com a proposta deste trabalho.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa ampara-se em duas abordagens metodológicas principais: a análise comparada (DETIENNE, 2004) e a história oral (THOMPSON; BORNAT, 2014), em específico a história oral temática (HOLANDA; MEIHY, 2015, p. 38-40). Utilizaremos estas de forma complementar, através da comparação entre transcrições do conjunto de entrevistas remotas, conduzidas por meio de plataformas de videoconferência.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda em desenvolvimento, esta pesquisa encontra-se em vias de preparar-se com alguns pontos arbitrados em sua elaboração. Entretanto, é importante ressaltar certos detalhes que já são capazes de serem denotados, e que serão pontos de partida para as etapas seguintes.

O primeiro deles está no processo de “construção” de uma tradição que se interpreta, simultaneamente, como parte de um conjunto de celebrações de alhures e percebe-se dotada de especificidades. Assim como em outras cidades do Brasil, as Cavalhadas em Pirenópolis estão associadas à Festa do Divino. Contudo, elas distinguem-se de outras celebrações que, apesar de homônimas, ocorrerem em outras festividades do calendário religioso católico romano, como nos casos de Poconé, onde é associada à São Benedito ou Caeté, ligada à Nossa Senhora de Nazaré. O destaque que se faz à narrativa das Cavalhadas, entretanto, fez com que a “identidade visual” da celebração e mesmo da própria cidade goiana diferencie a comunidade de outras localidades.

Os entrevistados salientaram conexões que continuamente alternam entre memória e expectativas de “atemporalidade”, principalmente em questões que evocavam tanto a interrupção de 2020-2021 quanto à possibilidade de um eventual esquecimento da celebração, em um futuro indefinido. O hiato possibilitou o vislumbre da forma como membros de uma comunidade que mantém uma celebração reagiriam à sua ruptura, e como os entrevistados imaginariam uma Pirenópolis sem Cavalhadas. A “morte” de uma tradição é um processo lento, mas dada a prévia extensão das Cavalhadas no Brasil e seu eventual recrudescimento, sobretudo no Brasil Atlântico (em específico, nas regiões Sul e Sudeste), é possível compreendermos por meio de relatos de moradores que conduziam e conduzem estas celebrações antes e depois de um intervalo abrupto como se dá, para a comunidade, a ameaça de sua ruptura.

A associação entre memória individual e coletiva também constitui um horizonte crucial desta pesquisa. Tendo a história oral temática por guia, nos

amparamos na concepção de questões ligadas às memórias que os entrevistados possuíam das celebrações com momentos de suas vidas, ao que a associação entre o que interpretavam como a identidade de sua comunidade e seu papel inserido nela demonstra certa justaposição entre as Cavalhadas e a forma como a comunidade se interpreta, e passa a distinguir-se das demais por meio de certas diferenças culturais.

Nesse sentido, outro aspecto crucial está na proposta de os entrevistados imaginarem como a comunidade lidaria com o fim da celebração, ao que as respostas dos entrevistados *A* e *B* divergiram. Enquanto *A* apontou para a possibilidade de uma sobrevivência do turismo em Pirenópolis (via ecoturismo, por exemplo), *B* ressaltou o papel da tradição para gerações mais recentes – para este, seria impossível. É preciso destacar que, nos casos citados, há uma distinção profunda entre os entrevistados: enquanto *B* é natural da cidade e tem por ofício a confecção de armaduras utilizadas nas Cavalhadas de Pirenópolis e cercanias (além do serviço de guia turístico), *A* deslocou-se de Goianésia para lá há menos de dez anos, também trabalhando na área do turismo. Assim, a possibilidade da ruptura da tradição gravita entre o tangível (ainda que indesejável) e o inconcebível. A diferença entre relatos de *estabelecidos* e de *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000), isto é, entre aqueles que fazem parte da comunidade há mais tempo e aqueles que se inseriram nela *a posteriori*, o que também se constitui uma dimensão identificada nas respostas obtidas.

#### 4. CONCLUSÕES

O emprego da metodologia de história oral, mesmo que para a realização de entrevistas remotas, contribuiu para a denotação dos processos de transformação e manutenção de celebrações como as Cavalhadas que, em Pirenópolis, tornam gris a fronteira entre as dimensões coletiva e individual. Nesse sentido, ainda que tenhamos, nesta pesquisa, optado por entrevistados que não fossem intrinsecamente ligados à celebração (protagonistas como os cavaleiros, *festeiros* ou padres e figuras da administração da cidade), a condição de fazer parte da comunidade perpassa também a condição de ser inserido voluntariamente ou não (via nascimento) nessa comunidade. Ter memórias longínquas da celebração, para além de conhecê-la já em idade adulta, se trata de um escopo de análise a ser aprofundado nesta pesquisa, principalmente se levarmos em consideração o papel da associação de imagens, símbolos, signos, sons de eventos que o participante evoca ao recordar não somente uma celebração da comunidade, mas, indiretamente, sua memória, a de instantes afetivos que tornam cinzenta a definição dos limites entre *si* e o grupo, a comunidade. É assim que se justifica, por exemplo, que o temor pela ruptura tenha tanto impacto para os entrevistados, ao ponto que a solução seja a negação dessa possibilidade, bem como o receio de que o processo já esteja ocorrendo. O rompimento da celebração é encarado como uma espécie de apagamento da memória. Receia-se seu esvanecer, o silenciar da celebração/rememoração das Cavalhadas como se fosse não apenas a morte da tradição, mas da própria identidade da comunidade que a mantém.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, J. Collective Memory and Cultural Identity. Traduzido para o inglês por John Czaplicka. **New German Critique**, n. 65, p. 125-133, mar-june. 1995.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília: UnB, n.11, pp. 89-117, mai-ago. 2013.

DETIENNE, M. **Comparar o Incomparável**. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Tradução do posfácio à edição alemã de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FRANCO JR., H. Raízes Medievais do Brasil. **Revista USP**. São Paulo, n.78, pp. 80-104, jul-ago 2008.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de De Paulo Editora. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSBAWM, E.; RANGER, T. (ed). **The Invention of Tradition**. Cambridge: The Press Syndicate of the Cambridge University Press, 1983.

HOLANDA, F.; MEIHY, J.C.S. **História oral**: como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MEYER, M. **Caminhos do Imaginário no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MIGNOLO, W. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto y un caso. **Tabula Rasa**, n.8, pp. 243-281, jan-jun 2008.

OLIVEIRA, G.R., GALLINDO-GONÇALVES, D. Mouros e Cristãos nos “Novos Mundos”: uma abordagem decolonial das celebrações da (Re)conquista nas Américas, África e Ásia (séc. XVI-XX). **XXX Congresso de Iniciação Científica**, 2020, Pelotas. **Anais 2021**. Online. Disponível em: [https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2021/CH\\_00757.pdf](https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2021/CH_00757.pdf).

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SILVA, D.G.G.; SOBRAL, A. Para uma poética do amanhecer: a recepção da Tagelied na lírica de amor moderna. **Boitatá**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 82–95, 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31508>.

THOMPSON, P.; BORNAT, J. **The Voice of the Past**: Oral History. 4 ed. New York: Oxford University Press, 2017.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.